

A VIAGEM A ITÁLIA DO INFANTE D. PEDRO, O DAS “SETE PARTIDAS”

MANUEL G. SIMÕES*

Nunca choraremos bastante nem com pranto
Assaz amargo e forte
Aquele que fundou glória e grandeza
E recebeu em paga insulto e morte

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Pranto pelo*
Infante D. Pedro das Sete Partidas

SOBRE A VIAGEM à Terra Santa, descrita no *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, de Gómez de Sant’Estevan, e por muitos autores reconhecido como relato fiel da viagem do Infante ao Oriente (por exemplo, Oliveira Martins), não há dúvida de que se trata duma narrativa de viagens imaginárias, seguindo arquétipos prestigiosos como o *Livro de Marco Polo*, as *Viagens* de John Mandeville, a falsa carta do Preste João, posta a circular no Ocidente no século XII, os romances de cavalaria e outros modelos da literatura quatrocentista peninsular. No “prohemio” ao Libro, o autor explícito apresenta-se como um dos doze que acompanhou o Infante D. Pedro e, portanto, como personagem-testemunha destinada a conceder ao texto um carácter de verosimilhança, prometendo satisfazer a curiosidade que todos os homens possuem de “saber todas las cosas del mundo”.

Acerca deste texto, e das suas fantasias, já Carolina Michaëlis de Vasconcelos afirmou tratar-se de uma novela provavelmente escrita no século XVI e que “mereceria ir no rol

* Professor jubilado de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade Ca’ Foscari de Veneza. Poeta e ensaísta.

dos livros de cavalaria, se fosse escrita com mais alguma elegância”¹, não se vislumbrando nela nenhum dos casos autênticos relativos às viagens do Infante, filho de D. João I e duque de Coimbra. Todavia, foi uma narrativa que conheceu uma extraordinária recepção literária, de modo a envolver os dois elementos (viagem e viajante) numa substância mítica, paradigma da errância, e a este sortilégio não escapou o próprio Miguel Cervantes de Saavedra no segundo *Quijote* (cap. XXIII), quando descreve a Sancho o que tinha visto na cova de Montesinos, afirmando ter sido o seu errar superior ao de D. Pedro. E já agora, e de passagem, observe-se a tradição textual, ainda no século XVI, que concorreu para a fixação no imaginário popular da lenda das viagens: a ed. de 1515, em Sevilha, por Jacob Cromberger, de que existe um exemplar na Biblioteca Pública de Cleveland; a ed. de 1547, em Salamanca, por Juan de Junta, que se pode consultar na Biblioteca Nacional de Paris; e a ed. de 1554, em Burgos, por Juan de Junta, hoje na Biblioteca de Munique. Todas estas edições são, porém, lacunosas, faltando-lhes algumas páginas, pelo que é a edição de 1563 a primeira completa em língua castelhana, impressa também em Burgos².

¹ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, “Introdução” a *Tragédia de la Insigne Reina Doña Isabel do Condestável D. Pedro de Portugal*, 2.^a edição revista e prefaciada por -, Coimbra, Imp. da Universidade, 1922, p. 45.

² Cf. Francis M. Rogers, *List of editions of the “Libro del Infante don Pedro de Portugal”*, Lisboa, Companhia dos Diamantes de Angola/Serviços Culturais, 1958. A 1.^a edição conhecida em versão portuguesa parece ser apenas de 1602, por António Álvares (pai). A maior parte das edições conserva no título a palavra “Libro/Livro”, mas há casos em que o título começa com as palavras “Historia”, “Tratado” e “Auto”. Evolução semelhante se verifica no número das “partidas”, com a passagem de quatro a sete, e com a variante radical da ed. de Valência de 1644, que opta por “todas las partidas”. Mas o número sete foi o que prevaleceu na tradição: “o infante das sete partidas” ou “portugueses das sete partidas” (Aquilino Ribeiro). Do texto castelhano existe a edição crítica de Francis M. Rogers, Gómez de Santisteban, *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, publicado segundo as mais antigas edições por -, Lisboa, Sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

Curiosamente é seu filho D. Pedro, Condestável de Portugal (1429-1466), a fornecer notícia exacta sobre as suas peregrinações e a destruir a velha lenda das “Sete partidas”. Tal como testemunha o Condestável na sua *Tragédia*, o Infante viajou por Inglaterra, França, Flandres, Alemanha, Hungria, depois passou à Itália e a Espanha, “reportando honor e grandissima gloria de todos los principes e reynos que vido”³. D. Pedro terá partido de Portugal em 1425, ano em que desembarca em Inglaterra, depois de passar por Paris. De Dezembro do mesmo ano até finais de Janeiro de 1426, sabemo-lo seguramente na Flandres, pois que nessa data envia de Bruges a conhecida carta ao irmão, o rei D. Duarte, “carta de singular conselho” e que constituía um autêntico programa político⁴. Viajou através da Alemanha até Viena, chegando à corte imperial de Segismundo provavelmente em Março de 1426. Em companhia do imperador seguiu o curso do Danúbio desde a “Magna” (Alemanha) até Tata, onde deixou o imperador e integrou o exército no Verão de 1426⁵.

Sobre as razões que terão levado o Infante à corte do imperador austro-húngaro sobressai porventura o facto de D. Pedro ter sido investido no governo da Marca Trevisana por Segismundo (diplomas régios de 22/1/1418 e 27/2/1418), ao qual deve acrescentar-se a circunstância de Portugal figurar entre os possíveis aliados do imperador depois de 1414, isto é, após o início do Concílio de Constança. A este propósito, eis quanto sugere uma fonte húngara: “A ela [corte] acorreram sobretudo aristocratas italianos e alemães, mas não foi menor decoro da corte deste rei o filho do rei de Portugal, que em companhia de muitos nobres veio dos confins oci-

³ *Apud* Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *cit.*, p. 39.

⁴ A carta, curiosamente hoje ainda de grande actualidade política, pode ler-se em *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte*, ed. diplomática de João José Alves Dias, Lisboa, Estampa, 1982, p. 37.

⁵ István Rákóczi, *Mares literários luso-húngaros*, Lisboa, Ed. Colibri, 2003, p. 115.

dentais do continente para render homenagem a este grande monarca⁶.”

Deixemos, porém, as vicissitudes das peregrinações do Infante por territórios de Segismundo para nos debruçarmos sobre a etapa seguinte, quer dizer, a sua viagem por Itália, sendo o objectivo principal deste trabalho a observação e análise dos documentos que testemunham a sua estadia na Sereníssima República de Veneza. Ora a primeira notícia deste projecto parte do embaixador veneziano na corte austro-húngara, o qual informa o Doge quanto à iminente visita do filho de D. João I. Esta informação consta dos despachos do Senado de Veneza, de Março de 1428, dos quais se transcreve: “D’Ungheria da Marco Dandolo Orator nostro s’ebbe, come veniva in questa Terra un figliuolo del Re di Portogallo, nominato Don Piero, per andare a Roma dal Papa. E fu determinato di fargli grand’onore.”⁷

De facto, foi D. Pedro recebido com as honras devidas a um príncipe, prodigando-lhe a Sereníssima as decretadas honrarias. E a sua estadia não deve ter sido muito longa, se considerarmos que a crónica da época, e sempre relativa ao mês de Março de 1428, resume todo o evento – chegada, permanência e partida – no mesmo despacho, continuando assim a transcrição anterior:

Gli furono mandati incontro quattro Ambasciatori, i quali egli vide graziosamente. E giunto a Mestre, Messer lo Doge colla Signoria gli andò incontro fino a Marghera col Bucintoro, e con molti Palischermi e barche armate. Alloggiò alla Casa del Marchese, e fattegli le spese finchè stette quì, e datigli assai doni, e fattegli feste, sulle quali erano da 300 donne in su, la maggior parte vestite di panno d’oro e di seta e assai velluti, al suo partire fu accompagnato da molti gentiluomini fino a Chioggia, il quale andò poi al suo viaggio. Avea com lui cavalli

⁶ *Ib.*, p. 111.

⁷ Marino Sanudo, *Vitae Docum Venetiarum*, *Muratori Colletio Rerum Italicarum Scriptores*, tomo XXII, 999.

300 a' quali per la Signoria furono fatte le spese. E 25 Gentiluomini l'accompagnarono fino a Ferrara⁸.

Como se vê, a crónica refere alguns pormenores importantes sobre o modo como o Infante se apresentou perante a Senhoria de Veneza, como foi recebido, onde esteve hospedado («Casa del Marchese»), e ainda como foi festejado, referindo-se a presença de cerca de 300 damas com seus vestidos onde brilhavam o ouro, a seda e veludos. Um códice da Biblioteca Nacional Marciana de Veneza confirma esta narração, com algumas variantes, e precisa que D. Pedro chegou à cidade em 15 de Março de 1428 com 400 cavalos, que lhe foi oferecida uma grande festa na Sala do Grande Conselho (Palácio Ducal) com a presença de 250 damas, e que, quando partiu, o Doge o acompanhou pessoalmente até Malamocco, oferecendo-lhe uma jóia de muito valor que o Infante pôs ao peito, depois do que 25 cavaleiros o acompanharam até Chioggia, onde montou a cavalo e partiu para Roma⁹.

Destes documentos parece resultar que o objectivo principal da viagem a Itália era a visita ao Papa e que a passagem por Veneza constituía um itinerário quase obrigatório mas com o alcance que poderia ter modernamente uma visita turística, embora facilitada pelas instituições locais. Neste sentido se exprime ainda um autor contemporâneo, estudioso da história veneziana mas também ficcionista como Alvise Zorzi, o qual narra deste modo a estadia de D. Pedro, sem revelar, porém, as suas fontes: “e l’infante Don Pedro di Portogallo, allegro buontempone che si era goduto una bella festa offerta

⁸ *Ib.* Um outro relator da passagem do Infante pela cidade dos doges é Antonio Morosini no códice VII 2048/49 da Biblioteca Nacional Marciana de Veneza, texto traduzido por Júlio Gonçalves em *O Infante D. Pedro, as “Sete Partidas” e a génese dos Descobrimentos*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1955, pp. 219-223.

⁹ *Cod. Marc. It. VII, 1* (= 8356). Agostino degli Agostini, *Cronaca veneta dall’origine della città al 1570*. Na margem direita do manuscrito: “1428. Cerimonie fatte al fiol del Re di Portogallo venuto à Venezia”.

dal doge com più di trecento dame vestite di panni d'oro, di seta e di velluto, e, ogni giorno, girava per la città con trombettieri e pifferai per far uscire le donne ai balconi”¹⁰. E, no entanto, é pouco provável que um homem de cultura como o Infante se tivesse limitado a festas e actos frívolos, sem estabelecer contactos com personalidades influentes no tecido social, político e cultural da cidade, de modo a obter informações úteis sobre o funcionamento do comércio de especiarias, por exemplo.

De facto, algumas diligências terá feito, a avaliar pela declaração do impressor alemão Valentim Fernandes, o qual refere que a tradução portuguesa de *Il Milione*, de Marco Polo, por ele impresso em 1502 (*Livro de Marco Paulo*), correspondia a uma cópia trazida para Portugal por D. Pedro, segundo a tradição corrente, manuscrito que deve estar na base do livro “Marco Paulo latim e lingoagem” que consta da lista de livros da biblioteca de D. Duarte, certamente traduzido por D. Pedro e pela sua “escola de tradutores”¹¹. Para além disso, tem-se falado muito de um mapa veneziano que o Infante terá trazido clandestinamente, embora esta seja uma questão deveras controversa.

Alfredo Pinheiro Marques, que estudou os contributos do Infante D. Pedro à cultura portuguesa, dedicou um interesse especial à cartografia, com a intenção de provar que o famoso *Mapa de Fra Mauro* (1457-1459), e que terá chegado a Portugal no próprio ano da sua conclusão, teria sido, pelo menos, uma encomenda mais antiga “e deve ter sido feita pelo Infante D. Pedro, duque de Coimbra, Markgraf de

¹⁰ Alvise Zorzi, *Canal Grande*, Milano, Rizzoli, 1991, p. 78.

¹¹ Como se infere da epístola de Valentim Fernandes ao rei D. Manuel, a versão portuguesa do Livro foi feita do texto latino de Frei Francesco Pipino, de Bolonha, havendo boas razões para supor que o impressor tenha utilizado uma cópia da versão portuguesa que figurava na biblioteca real (cf. Francisco Maria Esteves Pereira, “Introdução” a *O Livro de Marco Paulo*, conforme a impressão de Valentim Fernandes, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922, pp. XV, XIX e XXI).

Treviso, Regente de Portugal (e antigo visitante de Veneza e de Murano...)”¹². A sua argumentação, que obedece a uma construção hipotético-dedutiva, resume-se nos seguintes dados: 1) a ordem monástica a que pertencia Fra Mauro (a Camaldolense) foi dirigida por um Geral, o Abade português de Florença, D. Gomes, amigo de D. Pedro e administrador do seu depósito bancário florentino; 2) com D. Gomes professaram outros dois portugueses, D. Álvaro, que ficou sempre em Florença, e D. Vasco, que “irá para o Mosteiro de S. Giorgio Maggiore de Veneza, da mesma observância [e que, notamos, é o Mosteiro onde o Infante D. Pedro de Portugal se hospedou durante a sua estadia veneziana...]”¹³.

Ora esta dedução padece de um erro básico porquanto, como atrás se viu, o Infante não ficou alojado em S. Giorgio mas no “Palazzo del Duca di Ferrara”, construído na primeira metade do século XIII e que foi comprado em 1381 pela República para o Marquês de Ferrara (mais tarde, duque), palácio de tal modo luxuoso que a Signoria o pediu muitas vezes para ali hospedar príncipes e soberanos¹⁴. De resto, o volume de Alfredo Pinheiro Marques, apreciável pela referência à enorme proliferação de documentos e pela série de problemas que levanta, encontra muitas vezes soluções baseadas em axiomas, sendo por isso discutível quanto à metodologia: o livro, de construção erudita, não apresenta um aparato de notas que permitam o controlo dos muitíssimos

¹² Alfredo Pinheiro Marques, *A maldição da memória do Infante Dom Pedro e as origens dos Descobrimentos portugueses*, Figueira da Foz, Centro de Estudos do Mar, 1994 [1995], p. 170.

¹³ *Ib.*, p. 171.

¹⁴ Cf. Giulio Lorenzetti, *Venezia e il suo estuario. Guida storico-artistica*, 3.^a ed., Trieste, Ed. Lint, 1977, p. 642. “La Repubblica aveva incominciato a usare la grande e bella casa come foresteria di lusso, per alloggiarvi gli ospiti stranieri e i loro seguiti, tanto più numerosi quanto più il personaggio era importante. Così vi erano passati [...] e l’infante Dom Pedro di Portogallo.” (Alvise Zorzi, *cit.*, p. 78). Neste palácio, que dá para o Canal Grande (Fondaco dei Turchi), está hoje instalado o Museu de História Natural.

documentos utilizados e citados, como bem referiu Piero Falchetta, estudioso da cartografia veneziana do século XV, em particular do *Mapa di Fra Mauro*, o qual, numa recensão ao volume, considerou a obra, “nella sostanza, un poderoso e torrentizio *pamphlet*”¹⁵. De qualquer modo, não há provas sobre o envolvimento directo do Infante na encomenda do tão famoso mapa. São tudo hipóteses que carecem, porém, de fundamentos mais idóneos.

Partido de Veneza e passando por Pádua, donde se diz que trouxe uma relíquia de Santo António (“parte do casco ainda com cercilho”)¹⁶ e Ferrara, chegou a Florença em Abril de 1428, governada ao tempo por Cosimo De Medici. Não se sabe se aí teria contactado o humanista Paolo Toscanelli, mas certamente que a sua passagem não deixou indiferente o ambiente cultural florentino, se considerarmos que o humanista e Geral camaldolense, Ambrogio Traversari, lhe dedicou a tradução do *De Providentia Dei*¹⁷. Prossegue para Roma, onde terá chegado nos primeiros dias de Maio, e foi recebido pelo Papa Martinho V, que quase seguramente D. Pedro tinha conhecido como cardeal na corte de Segismundo. Com esta visita o Infante terá conseguido do Papa o privilégio da unção para os reis de Portugal e o título de príncipe para o herdeiro da coroa. Aqui se achava ainda em 16 de Maio de 1428¹⁸.

Chegara ao fim a peregrinação deste viajante político e negociador habilitoso pelas repúblicas mais potentes do ponto de vista económico e pelas cortes mais em vista da Europa. O regresso fez-se a partir de Livorno, onde embarcou para Barcelona, detendo-se por dois meses na corte de Aragão. Inicia então a última etapa: no dia 30 de Agosto sabemo-lo

¹⁵ Piero Falchetta, recensão a A. P. Marques, *A Maldição...*, in *Ateneo Veneto*, 1995, p. 339.

¹⁶ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *cit.*, nota da p. 40.

¹⁷ Cf. Margarida Sérvulo Correia, *As Viagens do Infante D. Pedro*, Lisboa, Gradiva, 2000, p. 50.

¹⁸ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *cit.*, p. 40.

em Peñafiel, seguindo para Valladolid, onde encontrou o conde de Urgel, com o qual estabeleceu as condições do seu futuro casamento com a filha do conde. Entra em terras do seu ducado em 17 de Setembro de 1428, a tempo de presenciar, na semana seguinte, ao casamento de D. Duarte com Leonor de Aragão, rainha que haveria de contribuir, depois, decididamente para o conjunto de intrigas que conduziram ao desastre de Alfarrobeira¹⁹.

Apostila:

A questão da “marca de Treviso” teve ainda um seguimento em anos futuros, de acordo com os “registos” de documentos entrados na Chancelaria da República de Veneza. Em 20/7/1437, Segismundo, para conservar a paz, confere ao doge, Francesco Foscari, a dignidade de “vicario imperiale in Treviso”, anulando qualquer anterior concessão a outros. Em 20/9/1445, o Infante D. Pedro, em documento assinado em Coimbra, renuncia ao “marchesado di Treviso [...] amando anzitutto essere amico di Venezia”; mas em 26/3/1446, de Santarém, e ouvidos os juristas régios, o Infante convida o doge a declarar, no prazo de seis meses, as suas intenções relativamente à “Marca trivigiana”, não obstante as concessões imperiais posteriormente obtidas por Veneza²⁰. Tudo leva a crer que o doge se limitou a observar a concessão do imperador austro-húngaro, se é que alguma vez respondeu ao Infante, na altura regente do Reino, o que, na verdade, se ignora.

¹⁹ Cf. Margarida Sérvulo Correia, *cit.*, pp. 51-53.

²⁰ Cf. *I Libri Commemoriali della Republica di Venezia. Regesti*, tomo IV, Venezia, A Spese della Società, 1896, pp. 213-215 e 295-297.